

NOMADISMO PERCEPTIVO NA WEB

J. Pinheiro Neves*

“Como se eu procurasse não aproveitar a vida imediatamente, mas só a mais profunda, o que me dá dois modos de ser: em vida, observo muito, sou “ativa” nas observações, tenho o senso do ridículo, do bom humor, da ironia, e tomo um partido. Escrevendo, tenho observações “passivas”, tão interiores que “se escrevem” ao mesmo tempo em que são sentidas quase sem o que se chama de processo. É por isso que no escrever eu não escolho, não posso me multiplicar em mil, me sinto fatal a despeito de mim”.

Clarice Lispector, Para não esquecer, 5ª ed., São Paulo, Siciliano, 1992.

Introdução

Desenvolvendo alguns dos pressupostos de McLuhan (1994), criou-se, não há muito tempo, uma disciplina a que se deu o nome de *Mediologia* (Debray, 2000). Nessa perspectiva, os media são as maneiras pelas quais sabemos, pelas quais pensamos, pelas quais criamos um mundo, na medida em que pensamos e vivemos cada vez mais *com* os media. É a implicação entre comunicação e complexidade que tece esta infra-estrutura mediática: *a comunicação está permanentemente a gerar comunicação*. O trabalho sobre a comunicação, quer nos seus aspectos imediatamente tecnológicos (como as tecnologias do ecrã), quer nos domínios sociais e íntimos que a comunicação atinge, vem complexificar ainda mais as sociedades — vem exigir ainda mais comunicação.

Situando-nos nesta linha da mediologia, tem emergido nos últimos tempos uma proposta de trabalho que pretende romper com a divisão que é tradicionalmente feita neste campo entre o estudo da produção, o estudo

* Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho [jpneves@ics.uminho.pt] e aluno de Pós-Doutoramento no Centro de Estudos Comunicação e Linguagem (CECL), da FCSH da Universidade Nova de Lisboa (Bolsa de Pós-Doutoramento da Fundação Ciência e Tecnologia SFRH / BPD / 42559 / 2007).

dos conteúdos e o estudo da recepção (Miranda, 2002)¹. Pretende pensar os novos media de uma forma holística e ontológica retomando a questão fundamental das ciências sociais: pensar a ligação, o eros (Latour, 2006). Nesse sentido, não se reduz apenas ao estudo disciplinar dos media embora seja um dos seus objectos principais. Pensa, acima de tudo, as ligações tendo como base a nossa experiência subjectiva e transhumana (o que está por baixo, *sub* e o *jecto*, acção) como uma individuação híbrida (Simondon, 1989; Neves, 2006).

Apoiada nesta última abordagem, pretende-se fazer uma primeira abordagem da *Web 2.0*, inspirada principalmente em Clarice Lispector e Gilles Deleuze, em torno dos dois modos de estar com e nos media: o nómada e o sedentário. Ensaia-se uma resposta acentuando a diferença entre a *Web 1.0* centrada, em grande parte, no uso dos sinais linguísticos permitindo algum nomadismo e a *Web 2.0* que, na sua multimodalidade e implicação social, valoriza a invasão da imagem-movimento, nos captura talvez cada vez mais para o modo sedentário. No final, descreve-se uma experiência pessoal partilhada por milhões de seres (numa grande parte jovens) que se ligam a si e aos outros através da *Web 2.0*. Questões que surgiram: que mudanças se operam nesta transformação qualitativa dos media, nesta remediação? E como entender as resistências, assentes na tendência estética e na dimensão política, uma nova forma de reunir o mágico sagrado ao tecnológico, como dos diz Simondon (1989)? Será, acima de tudo, o testemunho de uma experiência pessoal da passagem da *Web 1.0* para a *Web 2.0*. Uma procura, acima de tudo, da imagem-ecrã como uma imagem-tempo, uma imagem-afecção terapêutica que a escrita permite. Uma escrita que foge ao sedentarismo (Lispector, 1992).

¹ Esta comunicação faz parte de uma primeira exploração de conceitos no âmbito do meu pós-doutoramento sobre a emergência da *Web 2.0*, no CECL da Universidade Nova de Lisboa, sob a orientação do Prof. José Bragança de Miranda. Pretende contribuir para uma melhor compreensão dos fenómenos surgidos com as tecnologias de comunicação e imagem, com particular incidência nos ecrãs do *Social-Networking*. Mais precisamente, compreender a natureza destas novas ligações transhumanas. Faço parte de uma rede de investigadores em torno da noção de imagem-ecrã, que inclui membros do Centro de Estudos Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho, do Centro de Estudos Comunicação e Linguagens da Universidade Nova de Lisboa e do CICANT da Universidade Lusófona de Lisboa. Agradeço especialmente a ajuda amiga de Edmundo Cordeiro que participou, em grande parte, na criação deste texto. O meu sincero obrigado a outros amigos e amigas: Zara Pinto-Coelho, Moisés de Lemos Martins, José Bragança de Miranda, Pedro Andrade, Albertino Gonçalves, Jean-Martin Rabot, Paula Vilhena Mascarenhas e Pedro Rodrigues Costa pela ajuda, directa ou indirecta, na elaboração deste texto.

As novas formas das imagens-ecrãs como formas de ligação connosco e com o que nos rodeia

Os diferentes tipos de ecrãs cuja presença se tornou hegemónica nos começos do século XXI (ecrã de televisão e de computador, ecrã de telemóvel, ecrãs «gigantes», etc.) mobilizam e condicionam cada vez mais a nossa visão e experienciação do mundo e de nós próprios. Mas não surgiram fora do tempo. Não são naturais. Esses ecrãs têm uma história que não remete apenas para as suas características técnicas. Na verdade, há um processo constante e irregular de mudança em que as formas primitivas são transformados, *re-mediadas* (Bolter e Grusin, 2000).

Fazendo uma pequena síntese dessa história mas centrada no actual, pode-se dizer que a mudança mais decisiva não se situa no aspecto tecnológico. Este último apenas acentua, actualiza um processo de longa duração. O cerne da questão não está na mudança dos ecrãs de tipo digital relativamente ao ecrã cinematográfico tradicional, ou mesmo, numa definição lata de ecrã, relativamente à fotografia. Se a sociedade contemporânea é caracterizada pelo triunfo da imagem, as tecnologias do ecrã, da “imagem enquadrada”, começam muito antes, em finais da Idade Média, e vão influir decisivamente nessa nova configuração social, nas alterações de subjectividades, e principalmente nos modos de percepção do mundo. A ruptura situa-se principalmente em relação aos modelos pré-modernos do audiovisual, as imagens mágicas de outras civilizações (ou as origens da nossa), estudadas pela paleo-antropologia, que fazem parte de um outro mundo perceptivo, de uma outra relação com a natureza.

Na verdade, deve-se começar por fazer uma genealogia da imagem-ecrã moderna a partir da solução emergente no debate bizantino sobre o estatuto maléfico da imagem que, mais tarde, se consolida com o surgimento da pintura do renascimento com as técnicas da perspectiva, da fotografia (essa primeira imagem-tempo e imagem-luz) e da imagem em movimento do cinema. O mesmo problema que atravessou todas estas imagens-ecrãs continua presente, mas com outras configurações, nas novas formas da sua apropriação, as novas percepções emergentes nomeadamente na Web. 2.0. Até certo ponto, o debate em torno do carácter maléfico da imagem surgido a partir do fim da Idade Média, define uma passagem essencial, cria a abertura para todo o processo posterior de domesticação das imagens na linha da figuração racional e da perspectiva. Passando a pintura a ser a evocação do nome, do verbo bíblico, perde o seu carácter mágico em si pela percepção que incentiva, em si, por uma actualização normativa. Deixam de ser objecto do olhar, de uma mudança perceptiva, para passarem a ser apenas “vistas”.

Contudo, não estamos perante um processo linear. Existem duas grandes tendências de acordo com Bolter e Grusin (2000). Por um lado, um esforço de anulação do media retirando-lhe o seu lado mágico pela sua capacidade de ser o real, transformando-as numa cópia fiel do real. Uma categoria racional e científica que substitui a ideia de Deus a partir do século XIX. “Uma pintura do século XVII do artista Pieter Saenredam, uma fotografia de Edward Weston e um sistema computadorizado de realidade virtual são diferentes em diversos aspectos mas são tentativas para atingir a imediação (*immediacy*) ignorando ou negando a presença do médium ou do acto de mediação” (Bolter & Grusin, 2000: 11). Um sentido realista que está presente na racionalização moderna da tecnociência e na sua invasão da vida quotidiana numa lógica de aceleração, de procura da não-mediação. O acesso rápido, em directo e mais real do que o real.

E, por outro lado, esses media também afirmam, apesar de tudo, a sua presença com o seu poder mágico de representação e de fascinação. A escrita era o exemplo mais forte de afirmação do media recusando a ilusão da imediatez da imagem considerada subversiva e fonte de idolatria². “Um manuscrito medieval iluminado, uma pintura do século XVII de David Bailly e um programa de multimédia com janelas e botões são todos expressões da fascinação pelos media.” (Bolter & Grusin, 2000: 11-12). Mas é uma vertigem, uma fascinação que tende a ser controlada, vigiada e canalizada.

Partindo deste debate sobre a ligação com as imagens, necessitamos de aprofundar não só a definição do que é um ecrã, no sentido de uma percepção imagem-ecrã, mas também o que distingue e o que têm em comum os diversos ecrãs: o ecrã do cinema, o ecrã da televisão, o ecrã do computador, bem como o *videowall*, etc. Estudar o processo iniciado com a racionalização da pintura, com a perspectiva que se alarga a todo o planeta em finais do Séc. XIX. Se, com a fotografia, se começou a generalizar o *ver ao longe* no espaço e no tempo, essa «telescopagem» do espaço e do tempo, a imagem-ecrã, ligada às novas formas digitais, representa um culminar dessa generalização, de uma tendência de longa duração. Nesta medida, a actual manutenção das múltiplas ligações (ou, se quisermos, das múltiplas dependências), é realizada, instantaneamente, através de ecrãs, transformando-nos em *utilizadores* em espaços multimodais, como é o caso do uso dos computadores pessoais na Web. 2.0.

² Ver o texto de Moisés de Lemos Martins neste livro: “O que podem as imagens. Trajecto do uno ao múltiplo”.

O empobrecimento da experiência das ligações e as novas imagens-ecrãs

Para compreender este processo de transformação da nossa relação com as imagens, teremos então de o pensar no contexto amplo das ligações. Como já foi bastante discutido, a sociedade da imagem, sendo, através dos ecrãs, um conjunto de ligações *aditivas*, devém numa sociedade de pleno controlo (Deleuze, 1990: 240-247). A experiência da imagem-ecrã caracteriza-se cada vez mais pela *dependência* e pelo empobrecimento (Benjamin, 1994). Uma sociedade do controlo que funciona cada vez mais de forma contínua e por comunicação instantânea, deixando de ser tão relevantes os tradicionais «encerramentos» das sociedades disciplinares (Foucault, 1975), havendo uma passagem de uma *dependência espacial* a uma *dependência temporal*. Em muito do que fazemos e do que é feito connosco, do que percebemos e do que pensamos, *difícilmente conseguimos estar separados* dos ecrãs. Neste contexto, a questão da percepção e das imagens começa a ser central para se entender as características do nosso século.

Até que ponto se está dependente do acto de ligar e desligar o ecrã, desse acto rítmico de reorganização temporal, dessa *iluminação*, tal como acontece com o *adicto*? Será *dependência* um bom conceito, por exemplo, para a entrega ao *zapping* no caso dos canais televisivos, para as horas seguidas numa conversa no *Messenger* utilizando a *webcam*, ou para a forma frenética como jovens usam o Facebook para jogar e interagir com outros?

Com os ecrãs, as imagens *parecem* prescindir completamente de um olhar que lhes seja exterior, como se se entregasse a visão à imagem. A imagem faz a visão, o que significa que se deixa, por si mesmo, de poder fazer o mundo criando uma situação passiva, sedentária. Desfaz-se a partilha da *durée*, isto é, da relação do meu espaço-tempo com o espaço-tempo do mundo na sua variedade nómada e plural. Michael Tchong³: «Estamos a perder a memória a uma velocidade como nunca antes tinha acontecido». Fruto da desatenção, mas também da exposição quase permanente a múltiplas imagens e informações. “Quando se vê tanto em simultâneo como é que nos podemos lembrar depois?” Acresce o facto de a memória estar a cair em desuso: “Temos tudo no telemóvel. Já não precisamos de nos lembrar de um número de telefone. Ele está memorizado. Para fazer contas recorremos à calculadora que também está no telemóvel.” Condenada a desaparecer por falta de uso? Já aconteceu na evolução do homem...»

Marshall McLuhan (1994) foi um dos pioneiros nesta forma de pensar as imagens-ecrãs. Desenvolveu a ideia de que os reais efeitos dos media

³ Michael Tchong, in Revista *Pública*, publicada em 30/05/04, n.418: 30-34

se escondem por detrás dos supostos conteúdos. Os media mais eficazes serão os que mais facilmente criam no receptor a ilusão de que está a receber um conteúdo puro, iludindo de múltiplas maneiras a própria mediação, criando a ilusão do desaparecimento do media, a imediação como dizem Bolter e Grusin (2000). Mas não será que a mediação só se efectua exactamente por se manter oculta, tanto mais que a simples oposição exterior (*meios*) / interior (*sujeito*) deixou de funcionar rigidamente?

Quando Walter Benjamin (1994) afirmou, nos seus estudos sobre a fotografia, que esta prepara a mudança na ligação entre o homem e a natureza criando a possibilidade para uma outra atenção nómada, um olhar impessoal para os pormenores, parece-nos que este *campo livre* mora no terreno virtual talhado pelo ecrã como um campo de possibilidades.

Consideremos o caso do cinema. Para Gilles Deleuze (2006; 2009), estando o movimento no que é dado a ver no ecrã, isto desterritorializa a percepção, desnatura-a levando-a para um espaço/tempo nómada. Este aspecto, no entanto, constitui uma espécie de *handicap* metafísico no confronto do cinema com a percepção natural tal como, por exemplo, Merleau-Ponty a define: porque o ecrã desamarra o objecto dos objectos que o rodeiam, retirando-nos o horizonte necessário para que o «identifiquemos». Ora, é precisamente no desamarra da percepção que reside, em contrapartida, muitas das virtudes do cinema (e do ecrã) para Deleuze, a ideia que constitui um ponto de partida (Cordeiro, 2005). Desta forma, Deleuze propõe-nos uma terapia sem terapeuta, um outro modo de ser nómada através da mudança perceptiva.

Inspirados em Clarice Lispector e Gilles Deleuze, podemos sugerir dois modos de percepção das imagens-ecrãs na Web: o modo sedentário e o nómada. O “sedentário” contempla o mundo “como desenho de formas definidas, conjunto de elementos delimitados. Contemplá-lo como espaço povoado de entes substanciais, que têm consistência em si mesmos. Este modo de apreensão do mundo dá primazia às individualidades substanciais, que, num segundo momento, estabelecem relações entre si” (Vasconcelos, 2007: 2). No modo sedentário, “observo muito, sou “ativa” nas observações, tenho o senso do ridículo, do bom humor, da ironia, e tomo um partido” (Lispector, 1992).

O nómada, por seu lado, assume uma atitude de espreita, que “prepara para um dos modos de apreensão do mundo enquanto matéria e requer uma modalidade de sensibilidade capaz de apreender o mundo como um campo de forças em turbulência e perceber-se entramado nessas forças. Estar à espreita é um dos possíveis modos de existir com o mundo, disposto à afectação da diferença, que inquieta e assusta, forçando a harmonia cómoda do que é conhecido, do já pensado e abrindo passagem para

novas possibilidades de existência. Nesse tipo de percepção de si no mundo, a prioridade é das relações. Elas constituem o estofado da realidade” (Vasconcelos, 2007: 2). Na experiência nômada, surgem observações “passivas”, tão interiores que “se escrevem” ao mesmo tempo em que são sentidas quase sem o que se chama de processo” (Lispector, 1992).

Uma questão então se torna relevante: saber até que ponto existem formas de experienciação das imagens-ecrãs na Web que resistem ao sedentarismo, que permitem o desamarrar da percepção. Um dos campos promissores é, sem dúvida, o das novas formas de criação, novas formas de apropriação da imagem-ecrã presentes na rede web.

A passagem da Web 1.0 para a Web 2.0 não é apenas uma mera mudança tecnológica numa linha de evolução de um maior envolvimento social com a tecnologia. Faz parte de uma outra tendência mais geral, mais profunda. Ao mesmo tempo, assinala uma mudança qualitativa. Uma mudança que poderia ser pensada de outra forma evitando a euforia dos defensores da tecnologia. Talvez, em grande parte, como um retrocesso na medida em que nos pode levar para uma percepção cada vez mais sedentária do mundo.

Uma experiência nômada na Web⁴

Muitas vezes, quando escrevia no meu computador, utilizando o programa *Messenger*, uma dúvida me assaltava. Estaria “falando” mesmo com alguém ou o diálogo seria também, ou acima de tudo, interior? Perguntavam-me muitas vezes, do outro lado, “porque estou calado”. Melhor, um outro ser também dizia para dentro mexendo dedos sobre terminais negros. Contudo, curiosamente estávamos sempre em silêncio no *Messenger*. Havia um medo de ficar parado como se essa paragem fosse uma ameaça.

Uma ideia me assaltava: o fascínio da escrita que nos nomadiza é exatamente esse. Ser um fluxo de dentro, um diálogo connosco. Uma paragem na euforia. Um sentir mais perto sem a apresentação da “persona” do face a face, ter uma percepção mágica, pré-moderna.

Desse ponto de vista, a grande atracção pela multimodalidade é também e paradoxalmente um querer retornar à percepção normal e naturalizada, um esquecer da imagem, do processo de quem olha pela complexidade do aparelho técnico. É uma atracção normalizada, sem a vertigem que, em vez de estar do nosso lado e nos abrir ao mundo, passa a ser delegada no pólo maquínico.

⁴ Este texto radica na minha experiência um pouco nômada, na minha percepção quotidiana da comunicação mediada na Web. Adaptação de um texto meu publicado na Web em 2006.

Com as *webcams*, com a proliferação das redes sociais multimodais como o Facebook, com a emergência da Web 2.0, tende a desaparecer a valorização da escrita. Vindo do tempo da Web. 1.0, dos *chats* nos IRCs, da magia do *on-line* através da escrita, sinto que algo está a desaparecer com a Web 2.0. Ainda hoje, não utilizo praticamente a *webcam* o que me transformou numa espécie de “dinossauro” do *Messenger*. Chego a pensar que a intimidade da *webcam* não é mais o que o medo do contacto íntimo da escrita tal como os filmes pornográficos não são mais do que um exorcismo do receio de amar. Uma necessidade de voltar ao mundo normal do “oral”, do falado, da interacção face a face no mundo quotidiano. O voltar à percepção normal do mundo (diria tele-visiva) evitando assim a dobra de uma percepção interior que a escrita, o diálogo interior permitiria. Um voltar ao *olhar*.

Bibliografia

- Benjamin, W. (1994 [1936]) “A obra de arte na era da sua reproduzibilidade técnica”, in *Sobre arte, política, linguagem e técnica*, Lisboa: Relógio d’Água.
- Bolter, J. D. & Grusin, R. (2000) *Remediation. Understanding New Media*, Cambridge: MIT Press.
- Cordeiro, E. (2005) *Actos de Cinema*, Lisboa: Angelus Novus.
- Cruz, M. T. (2002) “O Artificial ou a Era do Design Total”, in *Revista On Line de Arte Cultura e Tecnologia*, n. 7. [<http://www.intearct.com.pt>, acessado em 3/09/2006].
- Debray, R. (2000) *Introduction à la médiologie*, Paris: PUF.
- Deleuze, G. (1990), “Post-Scriptum sur les Sociétés de Contrôle”. In: Deleuze, G., *Pourparlers*, Paris: Éd. Minuit, pp. 240-247
- Deleuze, G. (2006) *A imagem-tempo — Cinema 2*, Lisboa: Assírio & Alvim
- Deleuze, G. (2009) *A imagem-movimento — Cinema 1*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Foucault, M. (1975) *Surveiller et punir*, Paris: Éditions Gallimard.
- Hansen, M. B. N. (2005) “The Time of Affect, or Bearing Witness to Life”, [on-line] *Critical Inquiry*, 30 (3), Spring 2005. [<http://www.uchicago.edu/research/jnl-crit-inq/issues/v30/30n3>. Hansen.html, acessado em 23/11/2006].
- Latour, B. (2005) *Reassembling the Social- An Introduction to Actor-Network-Theory*, Oxford: Oxford University Press.
- Lispector, C. (1992) *Para não esquecer*, 5ª ed., São Paulo: Siciliano.
- Manovich, L. (2003) “New Media from Borges to HTML”, in Wardrip-Fruin, N. & Montfort, N. (Eds.) *The New Media Reader*, Cambridge and London: The MIT Press.
- Manovich, L. (2001) *The Language of New Media*, Cambridge: MIT Press.
- Massumi, B. (2002) *Parables for the Virtual: Movement, Affect, Sensation (Post-Contemporary Interventions)*, Durham and London: Duke University Press.
- McLuhan, M. (1994 [1964]) *Understanding Media: The Extensions of Man*, Cambridge: MIT Press.
- Miranda, J. B. (2002), “Para uma crítica das ligações técnicas”, in Miranda, J. B. de; Cruz, M. T. (Org.), *Crítica das ligações na era da técnica*, Lisboa: Tropismos.
- Neves, J. P. (2006) *O Apelo do Objecto Técnico*: Campo das Letras.

- Perniola, M. (1998) *A Estética do Século XX*, Lisboa: Editorial Estampa.
- Perniola, M. (2004) *O Sex Appeal do Inorgânico*, Coimbra, Ariadne Editora.
- Simondon, G. (1989), *Du Mode D'existence des Objets Techniques*, Paris, Aubier.
- Vasconcelos, M. H. (2007) "A escrita nômade de Clarice Lispector", in *Alegar*, n° 4.
- Virilio, P. (1998) *La machine de vision*, Paris: Galilée.